

Introdução

Esse trabalho desenvolve uma análise comparada entre o pensamento do cubano José Martí (1853-1895) e o pensamento do uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), autores muito conhecidos em toda a América Latina, cujas obras influenciaram profundamente a intelectualidade do continente na virada do século XIX para o XX.

Martí e Rodó preocuparam-se em pensar a realidade da América Latina, em um momento em que sua identidade parecia ameaçada, quer pelo entusiasmo excessivo que muitos intelectuais e políticos latino-americanos demonstravam pelos Estados Unidos, quer pela política imperialista norte-americana, iniciada nessa mesma época, pondo em perigo a independência e soberania de determinadas repúblicas hispano-americanas.

Os esforços de Martí foram voltados, desde cedo, para tornar Cuba independente da Espanha. Ainda jovem, foi preso e degredado, obrigado a passar longos anos fora de Cuba. Viveu na Espanha, no México, na Venezuela e nos Estados Unidos e contribuiu para inúmeros jornais em todo o continente, escrevendo sobre política, sociedade e cultura. Atuou nos Estados Unidos como cônsul do Uruguai, Argentina e Paraguai. Ajudou a organizar o Partido Revolucionário Cubano e não mediu esforços para a independência cubana. Morreu em combate, logo no início da guerra. Contudo, deixou uma vastíssima obra composta de crônicas, poesias e canções. Seu pensamento colaborou para a formação de correntes de oposição ao imperialismo norte-americano e ao positivismo de fins do oitocentos.

Rodó viveu em um país que, embora independente desde a primeira metade do século XIX, ao longo do século enfrentou muitos conflitos internos, em virtude de disputas caudilhistas e uma longa guerra civil. Ele também colaborou para variados jornais tanto no Uruguai, quanto na Argentina. Participou da reorganização do Partido Colorado, foi deputado por três mandatos, assumiu a direção da Biblioteca Nacional, e foi catedrático interino de Literatura. Publicou

algumas obras, mas ficou famoso com a difusão de seu ensaio *Ariel*, publicado em 1900, e que repercutiu prontamente por toda a América Hispânica, contribuindo igualmente para a formação de correntes de oposição à influência norte-americana no continente e ao positivismo.

Ambos os autores, não obstante oriundos de países e realidades distintas, fizeram enunciações bastante próximas. Os dois procuraram definir uma identidade para a América Latina e denunciaram os perigos que, entendiam, a presença norte-americana representava, para o continente, naquele momento. Contudo, identificaram nesse diagnóstico, diferentes tipos de problemas e propuseram distintos procedimentos para a sua solução.

Para Martí, por exemplo, a identidade latino-americana congregava todos os povos do continente, índios, negros e brancos, já para Rodó, esta se fazia representar, majoritariamente pela tradição ibérica. Martí também se preocupava com o perigo concreto que os Estados Unidos poderiam representar para a América Latina, levando à perda efetiva da soberania e também do seu território, como resultantes da política imperialista. Rodó, embora não ignorando essas ameaças, preocupou-se com a influência moral que os Estados Unidos poderiam exercer sobre o continente, a qual levaria a uma descaracterização da própria identidade latino-americana.

Tendo isso em vista, é nosso interesse fazer uma análise comparada dos discursos de Martí e Rodó de modo a compreender as razões que os motivaram a estruturarem seus discursos em nome da América e não de seus próprios países. Partimos da premissa de que esses discursos se estruturaram a partir do contraponto com os Estados Unidos. Desse modo, será importante analisar a percepção de ambos os autores com relação àquele país, identificando como construíram a ideia de polarização entre as duas Américas. Também buscaremos compreender como as ideias de Rodó, oriundo de uma sociedade que já ingressara na modernidade com boas possibilidades de alcançar os ideais de progresso da época, fossem próximas às alocações de Martí, que pertencia a um país que ainda lutava pela independência do jugo colonial e já começava a sentir a ingerência norte-americana em ascensão.

Acreditamos que as enunciações destes autores estão relacionadas ao contexto de produção das mesmas: ao movimento da *hispanidad* em fins do século XIX e início do XX, ao imperialismo norte-americano e ao

desenvolvimento das ideias racistas europeias. Desse modo, um dos nossos objetivos será analisar os contextos históricos nos quais surgiram as atividades intelectuais de Martí e Rodó de maneira a melhor rastrear as enunciações mais importantes efetuadas pelos autores à época.

Na nossa concepção, em determinados momentos, Martí e Rodó efetivamente inovaram o contexto linguístico com suas novas formulações sobre a “Nuestra América”. E, em outros momentos, eles teriam transformado enunciações efetuadas em contextos passados, empregando-as para dar respostas a questões de sua própria época e, desse modo, ressignificando-as mais uma vez.

Este estudo busca contribuir para a ampliação da produção historiográfica sobre o pensamento político na América Latina, para isso se aproxima da *história contextualista* inglesa, e de suas reflexões sobre a análise do discurso. Nessa perspectiva, e amparados no método proposto por John G. A. Pocock é nosso interesse analisar o contexto histórico em que surgiu a atividade intelectual de Martí e Rodó, identificando as suas principais enunciações à época. Lembramos que Pocock chamou a atenção para o fato de que, após o ato de publicação, a obra não mais pertence ao seu autor. Ela entraria em um *continuum* de interpretações. É exatamente esse *continuum* que possibilitaria as variadas interpretações, e consequentemente os sucessivos usos e abusos das ideias iniciais do autor, que passam a ser interpretada, via de regra, à luz de contextos que não são mais aqueles que marcaram efetivamente o momento de suas produções.

Para o escritor neozelandês, o historiador do pensamento político tem como principal tarefa reconstruir as linguagens políticas, analisando a sua mutação ao longo do tempo. Com efeito, ele destaca a autonomia do pensamento, através da filosofia analítica e da proposição de Saussure, tratando-o como “declarações” ou “atos de fala” capazes de imprimir significados característicos.

Pocock na obra *Linguagens do ideário político* assinala que a análise do pensamento político deve sempre vir associada à análise do vocabulário político da época estudada. Por meio da reconstrução deste último seria possível compreender as várias linguagens disponíveis aos atores envolvidos num dado debate e, desta forma, identificar não apenas quais lances e inovações foram enunciados como também quais outros lances e inovações poderiam ter sido efetuados.

Nessa perspectiva, ao analisarmos algumas das expressões empregadas por Martí (*Nuestra America* e *ianquemanía*) e por Rodó (“*juventud de America*” e *nordomanía*), identificamos estas expressões como constituindo linguagens ou sublinguagens “no interior do próprio processo evolutivo do discurso político”.¹

Pocock considera que o historiador do discurso político deve se empenhar em buscar “os indícios de que as palavras estavam sendo usadas de novas maneiras, como resultado de novas experiências, e estavam dando origem a novos problemas e possibilidades no discurso da linguagem sob estudo”.²

Esse autor nos lembra, também, que a “linguagem que um autor emprega já está em uso, foi utilizada e está sendo utilizada para enunciar intenções outras que não as suas”,³ dessa forma o autor desempenha um papel de duplo sentido, uma vez que ele atua tanto como o expropriador, empregando uma linguagem que não é sua e utilizando para seus próprios fins, quanto como o inovador que opera sobre a linguagem de modo a provocar “momentâneas ou duradouras mudanças na forma como ela é usada”.⁴

Pocock ressalta ainda que uma linguagem não se configura somente como uma forma de falar prescrita, porém, é também um tema de discussão prescrito para o discurso político. Assim, é possível observar que “cada contexto linguístico indica um contexto político, social ou histórico, no interior do qual a própria linguagem se situa”.⁵ Não obstante, de acordo com o autor, é exatamente aí que somos levados a reconhecer que cada linguagem, de certa forma, “seleciona e prescreve o contexto dentro do qual ela deverá ser reconhecida”.⁶

Enfim, é sob a luz de tais considerações que procuramos refletir sobre as “linguagens” empregadas por Martí e Rodó, identificar as possibilidades de ação desses atores/autores envolvidos no processo. Para nossos propósitos, aqui, utilizamos como fontes os discursos de Martí produzidos após 1889, nos quais tratou das questões relacionadas à ingerência dos Estados Unidos na América, às discussões travadas no Congresso Internacional de Washington, à Conferência Monetária, e às considerações sobre “*Nuestra America*”. No que se refere à produção intelectual de Rodó, utilizamos o seu mais conhecido ensaio, *Ariel*.

¹ John Greville Agard POCOCK. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 31.

² *Ibid.* p. 37-38.

³ *Ibid.* p. 29.

⁴ *Ibid.* p. 29.

⁵ *Ibid.* p. 36-37.

⁶ *Ibid.* *Loc. cit.*

Como nosso estudo trabalha com as interpretações de intelectuais latino-americanos acerca desta “porção do continente”, entendemos que, conforme assinala Edward Said, o intelectual não é nem um pacificador nem um criador de consensos. Entretanto, ele seria alguém que compele todo o seu ser no senso crítico, na recusa em receber fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações cordiais, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Alguém que não apenas reluta passivamente, como também almeja expor isso em público.⁷

Em se tratando dos intelectuais denominados “tradicionais”⁸ da América Latina, Marco Antonio Pamplona considera que além das relações estreitas que estes mantinham com o Estado, a vinculação dos mesmos com o conhecimento era um ponto fundamental. Era a partir deste último que os intelectuais se percebiam como legatários de uma vertente do conhecimento mais universal, o qual lhes imputaria o *status* de “verdadeiros livres-pensadores”.

Nesse sentido, ao destacarem o seu comprometimento com a verdade e “com os discursos da razão crítica eles [intelectuais] acabaram sendo percebidos como estando de alguma maneira ‘acima’ ou ‘fora’ da sociedade, ou como aquele grupo que embora dela não divorciado, ‘pairava’ sobre a sociedade”.⁹ De tal modo, os intelectuais “tradicionais” da América Latina apresentaram-se, ao longo do século XIX e boa parte do XX, como aqueles que poderiam e conseguiriam “manter uma postura crítica sobre o poder”.¹⁰

Neste período, a própria forma como os intelectuais na Europa percebiam o seu papel na sociedade passara por uma transformação mais intensa. Liliana Weinberg de Magis chama a atenção para a relação entre essa transformação e o impacto que a obra *J'accuse* de Émile Zola causou nos intelectuais seus contemporâneos, fazendo emergir a concepção moderna do “intelectual comprometido”.¹¹ Dessa forma os intelectuais na Europa passariam já a evidenciar suas opiniões sobre a política, sem, contudo se ocupar diretamente dela.

⁷ Edward SAID. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 37-38.

⁸ O autor se refere a uma perspectiva gramsciana do termo intelectuais.

⁹ Marco Antonio PAMPLONA. “Ambiguidades do Pensamento Latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº32, 2003. p. 8.

¹⁰ *Ibid. Loc. cit.*

¹¹ Liliana WEINBERG de MAGIS. *apud*. Marco Antonio PAMPLONA. *Idem*, p. 8.

No que refere à América Latina, a situação foi diferente, segundo Pamplona não foi possível separar-se a disposição pela política e o “desejo de poder”. Aqui a dependência cultural era constantemente ressaltada e o Estado tornava-se “a única e efetiva fonte de validação cultural e de prestígio social para os intelectuais”.¹² Com efeito, a maior parte dos intelectuais latino-americanos deste período manteve vínculos estreitos com a política de seu país, tal como no passado colonial.¹³

Nosso interesse pela temática é oriundo da verificação de que existe no Brasil uma certa imprecisão de suas relações com a América Latina. Não há muitas pesquisas a respeito da tradição cultural latino-americana e, na realidade, aqui se conhece pouco sobre os países deste continente e sobre a sua produção intelectual. Observamos que existe mesmo uma certa resistência em se pensar o Brasil como parte da América Latina. Segundo Maria Ligia Prado é extremamente difícil continuar na linha de estudos latino-americanos num país que insiste preferencialmente na Europa e nos Estados Unidos como modelos intelectuais e muitas vezes ignora o que é produzido aqui,¹⁴ sua interface com esse outro ramo da produção ibérica.

O distanciamento entre Brasil e América Latina tem raízes no século XIX, quando surgiu o movimento para definição da nação brasileira. No momento em que o Estado Nacional Brasileiro se configurou, também se definiu, conforme sustentou Manuel Luis Salgado a imagem de um “outro” em relação ao Estado, tanto no plano interno, como no externo. No primeiro plano ficaram excluídos do projeto de nação o negro e o índio, uma vez que para os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)¹⁵ estes não eram portadores da noção de civilização. No plano externo, “o outro” foi definido através do critério político, das diferenças em relação às formas de organização dos demais Estados. Os inimigos externos do Brasil, portanto, foram as repúblicas latino-americanas, politicamente instáveis num momento de conformação do território nacional. Dessa forma, optou-se pela imagem de continuidade com a antiga metrópole mais

¹² Marco Antonio PAMPLONA. *Op. cit.* p. 9.

¹³ Angel RAMA. “A Cidade Letrada”. In: Angel RAMA. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1984.

¹⁴ Maria Ligia Coelho PRADO. *América Latina no século XIX: Tramas Telas e Textos*. 2ª ed – São Paulo: Edusp, 2004. p. 20.

¹⁵ O IHGB foi criado em 1838, projeto que objetivava pensar a história do Brasil de maneira sistematizada. Este visava delinear um perfil para a nação brasileira, capaz de forjar uma identidade conforme os princípios que organizavam a vida social do século XIX.

do que ruptura. A definição do nacional brasileiro em contraposição às repúblicas da América Latina trouxe novas implicações políticas e ainda hoje é possível perceber suas permanências.¹⁶

Achamos, assim, que recuperar as interpretações de intelectuais latino-americanos de fins do século XIX e meados do XX possa contribuir, de certa forma, para trazer novas possibilidades de interpretação no que refere aos estudos sobre a América Latina que existem no Brasil. Por outro lado, acreditamos que através da análise dos discursos de dois intelectuais tão conhecidos na América Hispânica, e de ressonância extracontinental, podemos também despertar as atenções brasileiras para a “Nuestra America”.

Assim, compartilhando da afirmativa de Umberto Eco, de que “a única existência de um texto é dada pela cadeia de respostas que suscita”,¹⁷ tentamos compreender como os autores estudados perceberam o período pelo qual a América passava, como apresentaram suas ideias de unidade da “Nuestra América” em oposição aos Estados Unidos, e procuraram, assim, definir uma identidade para a América Latina.

* * *

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro fizemos uma contextualização histórica da América Latina de fins do século XIX e início do XX, com ênfase em Cuba e Uruguai, como marcos para a apresentação dos discursos de Martí e Rodó. Também destacamos o debate intelectual a respeito da superioridade e inferioridade da “raça latina” em oposição à “raça anglo-saxônica”, que permeou este período e influenciou a produção intelectual latino-americana, e contribuiu para a defesa ou o rechaço do modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos na América Latina. Revisar o contexto de produção de Martí e Rodó, bem como as suas trajetórias é fundamental, uma vez que nos auxilia na compreensão dos discursos destes autores e nos permite entender os motivos que

¹⁶ Manoel Luís Salgado GUIMARÃES. “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 1: 5-27, 1998. p. 7.

¹⁷ Umberto ECO *apud* Bella JOSEF. *História da Literatura Hispano-Americana*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Francisco Alves Editora, 2005. p. 9.

os levaram a produzir os discursos abrangendo toda a América Latina, não se restringindo somente aos seus países.

No segundo capítulo analisamos como Martí e Rodó apresentaram o conceito de “América” e “juventude” para produzir seus discursos. Nessa perspectiva investigamos como a América aparece em suas enunciações para identificarmos as razões que teriam levado ambos os autores a discursarem de maneira a abranger boa parte do continente, não restringindo apenas a seus países e, concomitantemente, marcar uma diferenciação em relação aos Estados Unidos. Também analisamos a opção dos dois autores de que a “juventude” deveria tomar frente na transformação da América Latina. Além disso, mostramos como a modernização no continente contribuiu para a aproximação dos intelectuais neste período e como Martí e Rodó defenderam a unidade latino-americana.

Por fim, no terceiro capítulo analisamos a maneira como Martí e Rodó construíram a polarização entre América Latina *versus* Estados Unidos. Também procuramos entender como ambos os autores perceberam a presença norte-americana no continente. Partimos do pressuposto que o pan-americanismo foi um tema relevante para Martí. Este intelectual participou das primeiras reuniões para o Congresso pan-americano, convocadas pelos Estados Unidos em 1889. No caso de Rodó, o fim da guerra hispano-americana, em 1898, resultando na derrota da Espanha e no fortalecimento das relações entre a intelectualidade latino-americana e espanhola e na produção da *hispanidad*, foi destacado como eixo de análise dos seus escritos.